



**PROCESSOS DE INOVAÇÃO BANCÁRIA RECENTES: ritmos de expansão e lógicas espaciais seletivas do setor bancário no município de Campinas – SP.**

**Juliana Santos de Oliveira**  
Instituto de Geociências - Unicamp  
jujuromo\_31@hotmail.com

**1 – INTRODUÇÃO**

O intensivo processo de globalização, propiciado pela unicidade entre telecomunicações e informática - a chamada *telemática* - e conduzido politicamente pelos agentes hegemônicos da política - os Estados - e da economia - as grandes empresas - inaugurou o que Santos (1994) denominou de período técnico científico-informacional. Paralelamente à constituição de um novo período, um novo meio geográfico aparece como a "paisagem" da globalização, com profundas transformações na forma de organização da sociedade, da economia, da política e da cultura. Especialmente a partir dos anos 1980, o Brasil assiste a um intenso e crescente processo de tecnificação de manchas e pontos de seu espaço; as regiões metropolitanas são lugares privilegiados desse processo, com a ascensão da informação como novo motor da economia (Santos & Silveira, 2001) e o setor bancário como elemento fundamental de reorganização e valorização do espaço.

Neste sentido, como destacado por Dias (2012) e Contel (2009) os bancos são elementos fundamentais de integração do território nacional e de sua articulação à economia internacional, contribuindo para a definição de novos contornos ao processo de urbanização, assim, “Correspondendo à fase de “financeirização” da nossa economia, a espacialização do sistema bancário é um dos fenômenos mais notáveis da recente organização do espaço brasileiro” (CORDEIRO, 1991, P.3). A notabilidade da espacialidade deste setor, sobretudo a partir de 1980, se evidencia por conta da renovação das básicas técnicas e informacionais do território brasileiro (SANTOS, 2001) que possibilitaram a constituição de uma maior unicidade técnica que, por seu turno, permitiu a aceleração das inovações incorporadas e fomentadas pelo setor bancário, tendo a informação como elemento chave desse processo. Assim,

O sistema bancário brasileiro foi talvez o principal beneficiário da introdução dos sistemas técnicos informacionais no território (...) a



passagem de um meio técnico-científico, para um meio técnico-científico-informacional aumentou sensivelmente a produtividade e eficiência das ações bancárias. (CONTEL, 2009, p.150)

Do ponto de vista das lógicas espaciais dos bancos, a passagem para o período técnico-científico-informacional significou a possibilidade de, ao mesmo tempo, realizar uma gestão centralizada dos processos decisórios e garantir uma expansão sem precedentes de seus fixos pelo território, ainda que de maneira extremamente seletiva. Neste sentido, a maior unicidade do sistema bancário brasileiro, possibilitada pela integração das redes técnicas e informacionais (DIAS, 1996), aumentou a velocidade de circulação do dinheiro no território, imprimindo um novo ritmo de funcionamento aos lugares conectados às redes bancárias (CONTEL, 2009) e também repercutiu em novos modelos de organização dos fixos bancários pelo território, sobretudo considerando os recentes processos inovativos deste setor que introduzem novas formas de oferecimento de serviços bancários por meio de canais digitais, como o *internet banking* e *mobile banking* (DINIZ, 2004; FEBRABAN, 2015).

Podemos inferir, portanto, que os processos de modernização da redes técnicas e informacionais no território, considerados articuladamente aos processos inovativos protagonizados pelo setor bancário, são fundamentais para compreensão das lógicas espaciais das redes bancárias que, por sua vez, impactam de forma seletiva os espaços onde se instalam, reforçando processos de diferenciação e fragmentação socioespacial nas cidades (CORRÊA, 2007; SPÓSITO & GOES, 2013).

Neste artigo, nosso estudo de caso dará enfoque ao município de Campinas/SP, localizado na porção sudeste do estado de São Paulo, a aproximadamente 100 Km da capital, conta com uma população de 1.164.098 habitantes, é sede de sua região metropolitana<sup>1</sup>—composta por 20 municípios – e classificada pela REGIC (2004) como Capital Regional A, apresentando importantes papéis de gestão regional, com um grande volume de *fluxos e interações espaciais* (CORRÊA, 1997), com PIB de 42,766 bilhões figura como uma das regiões metropolitanas mais dinâmicas do país (IBGE, 2012). No que se refere às redes bancárias o município exerce importante centralidade, equiparando-se à importantes capitais nacionais, como Belo Horizonte, Curitiba e Porto

---

<sup>1</sup> Criada pela Lei Complementar Estadual nº 870, de 2000.

Alegre, contando com grande volume de equipamentos: 262 agências bancárias e 425 PAE e PAB<sup>2</sup> (REGIC, 2007; Banco Central do Brasil, 2016), além disso, conta com valores crescentes e bastante expressivos, entre 2009 e 2015, de depósitos totais, poupança e operações de crédito (Banco Central do Brasil, 2016), o que ajuda a justificar, em boa medida, o número elevado de equipamentos bancários que atendem esse município e consolidam sua centralidade bancária.

## 2 – OBJETIVOS

O desenvolvimento deste artigo é norteado por dois objetivos centrais, buscando compreender: a) de que forma os processos de inovação bancária recentes repercutem nas lógicas espaciais do setor bancário e em seus ritmos de expansão; b) como essas lógicas espaciais se materializam de forma desigual e seletiva na cidade de Campinas-SP, entre as décadas de 1980 e 2000. No que se refere, especificamente, às lógicas espaciais do sistema bancário no município de Campinas, elencamos duas dimensões analíticas principais: 1. a primeira que busca compreender de que forma os processos inovativos recentes impactam as lógicas espaciais e os ritmos de expansão de equipamentos bancários considerando, historicamente, a disseminação dos Postos de Atendimento Eletrônico (PAE's), e numa perspectiva atual, o crescente uso de serviços bancários por canais digitais; 2. a segunda objetivando analisar como as lógicas espaciais do setor bancário, cada vez mais seletivas, se materializam na cidade, privilegiando algumas áreas em detrimento de outras, reforçando processos de diferenciação e fragmentação socioespacial.

## 3 – METODOLOGIA

Consideraremos a análise do espaço como diretriz metodológica central da pesquisa, para tanto, as categorias de análise do espaço propostas por Santos (1997) instrumentalizam nossas discussões. No que diz respeito às variáveis elencadas para a investigação, tomaremos como *forma* a organização espacial das redes bancárias, fazendo referência à materialização de suas lógicas espaciais no município de Campinas. Como *processo*, consideraremos o processo de modernização do sistema bancário, considerando a evolução da norma e da técnica como variáveis que o

---

<sup>2</sup> PAE: Posto de Atendimento Eletrônico. PAB: Posto de Atendimento Bancário.



constituem. Destacaremos, ainda, como *função* a intermediação financeira por meio da captação de renda, considerando a lógica estritamente econômica que move as ações deste setor – mais-valia como motor único – (Santos, 1994). Por fim, a *estrutura* refere-se à conformação do meio técnico científico-informacional, correspondendo ao atual período de globalização, que redefine os arranjos espaciais e os usos do território, adaptando-os aos interesses das grandes empresas, inclusive do setor bancário.

Do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, adotamos uma ampla revisão bibliográfica, em busca da fundamentação teórico-metodológica para o trabalho, em articulação à sistematização e análise de uma série de dados quantitativos sobre os ritmos de expansão dos fixos bancários no município de Campinas, além de dados sobre montante de investimentos em tecnologia pelos bancos, número de transações bancárias, dentre outros. Os dados foram fornecidos pelo Banco Central do Brasil e relatórios de tecnologia bancária da FEBRABAN, sendo sistematizados em forma de tabelas, gráficos e mapas que auxiliam nossas discussões. Os mapas foram elaborados no programa QGIS 2.4.0.

#### 4 - RESULTADOS PRELIMINARES

O sistema bancário brasileiro passou por diferentes fases de desenvolvimento técnico, sendo que cada uma delas é marcada por processos políticos e econômicos que se desenrolam a nível nacional e internacional. Neste sentido, consideramos que o processo de modernização deste setor não se dá de forma autônoma, mas sim, articulado e inserido em um quadro de evolução técnica e científica movida, sob comando da informação, à nível global, nos referimos, portanto, à constituição de uma unicidade técnica (SANTOS, 1994).

Do ponto de vista da literatura sobre o tema, há uma variedade de periodizações que buscam compreender as diferentes fases de inovação que constituem uma trajetória de modernização do setor bancário (CERNEV, et. al., 2009; CONTEL, 2009; DINIZ, 2004; ACCORSI, 1992), contudo, para este estudo elencamos a periodização desenvolvida por Contel (2009), que divide o processo de evolução dos sistemas técnicos bancários em cinco fases: 1º fase [1965-1970]: Gênese de automação do setor, caracterizada pela difusão dos CPD's (Centros de processamento de dados), uso de máquinas contábeis em substituição às técnicas manuais e transmissão de dados via Telex; 2º fase [1970-1976]:



Introdução de computadores nos sistemas de ação bancários revolucionando a forma de armazenamento, processamento e transmissão de dados de forma ainda centralizada; 3º fase [1979-1980]: Descentralização do processamento de informações bancárias, fruto das inovações das telecomunicações e caracterizada pela digitalização remota e transmissão de dados digitados, possibilitando um processamento descentralizado das informações, o que demarca um período de dispersão e reestruturação espacial do setor; 4º fase [a partir de 1980]: Processamento instantâneo das informações bancárias, gerando uma aceleração dos ritmos econômicos através do processamento e transmissão de dados em tempo real, possibilitando uma centralização dos comandos e uma dispersão sem precedentes de seus fixos pelo território.

Contudo, como parte do recorte temporal deste trabalho, daremos foco apenas ao período pós 1980, ou seja, à 4º fase destacada pelo autor. Considerando este recorte, o trabalho de Cernev, et.al. (2009) também nos auxilia na compreensão dos processos inovativos recentes e como estes repercutem nas lógicas de expansão e atendimento bancário, denominando esta nova fase como *Quinta onda* de inovação bancária, marcada pela mobilidade e convergência digital, repercutindo em forte expansão do uso de serviços bancários por meio digital.

Vale destacar ainda que, para além da identificação das diferentes fases de inovação deste setor, este trabalho buscará elucidar como o processo de modernização mais recente repercute nas lógicas espaciais dos fixos bancários, de um ponto de vista mais geral, e como essas lógicas se materializam nas cidades, elencando o município de Campinas/SP como campo de estudo. Neste sentido, consideramos que as evoluções técnicas incorporadas a este setor são conteúdos do espaço geográfico, portanto, passam a influenciar as formas de organização das redes bancárias no espaço intraurbano.

Considerando as inovações mais recentes empreendidas pelo setor bancário destacaremos para análise: 1. A disseminação dos caixas eletrônicos e suas repercussões nas lógicas espaciais dos bancos; 2. Expansão do uso de canais digitais – *internet banking* e *mobile banking* – e suas repercussões nos ritmos de expansão dos fixos bancários, utilizando o município de Campinas como recorte espacial para as análises.

Um dos aspectos mais marcantes da *quarta fase* de evolução dos sistemas técnicos bancários é a automação das transações iniciadas pelos clientes, ou seja, há uma forte



disseminação das redes de ATM (Automated Teller Machines) a partir da década de 1980 e, sobretudo, em 1990, instaladas em locais públicos, estabelecimentos privados e no interior das próprias agências, afim de contribuir com a eficiência operacional dos bancos e aumento da produtividade do atendimento bancário, ou seja, conformam-se como “[...]sistemas técnicos informacionais típicos da atual fase da globalização, onde as variáveis informação, tecnologia bancária e finanças se unem para tornar ainda mais eficaz a circulação de capitais no território.” (CONTEL, 2009, p.256).

Como podemos observar nos gráficos abaixo (Gráficos 1 e 2), a partir de 1990 o número de PAEs (Postos de Atendimento eletrônico) cresceu extraordinariamente no município de Campinas, passando de 5 equipamentos em 1980 para 277 na década de 1990 e quase dobrando em número na década seguinte. Em contrapartida, houve uma queda no ritmo de crescimento do número de agências bancárias instaladas no mesmo período (Tabela 1), dado que entre 1970 e 1980 o ritmo de crescimento das agências<sup>3</sup> foi de 49%, e entre 1980 e 1990 o percentual caiu para 19%, mesmo considerando o crescimento populacional acelerado de Campinas neste período (CANO, 2002; MESTRE, 2009). Portanto, há um aumento expressivo no número de agências com atividade encerrada no mesmo período, sendo o pico entre 1990 e 2000. O mesmo efeito pode ser observado para os PABs (Postos de Atendimento Bancário), com ritmo de crescimento ainda mais reduzido e maior número de estabelecimentos encerrados em comparação às agências. Desta maneira, é possível estabelecer uma correlação entre a forte expansão dos PAEs e a diminuição no ritmo de crescimento do número de agências e PABs instalados e aumento do número desses estabelecimentos com atividade encerrada<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Consideramos o ritmo de crescimento considerando a diferença entre o número de estabelecimentos abertos e fechados no período, portanto, esse indicador difere do simples percentual de estabelecimentos abertos no período.

<sup>4</sup> Vale ressaltar que a reforma financeira, ocorrida sobretudo a partir da década de 1990 (DIAS, 2007), constituiu um marco regulatório, com a abertura da economia para entrada de capitais estrangeiros, que levou a múltiplos processos de aquisições de bancos nacionais, o que pode ter contribuído para o reajuste no ritmo de expansão de equipamentos pelo território.

Gráfico 2 – Campinas. Número de estabelecimentos bancários abertos.

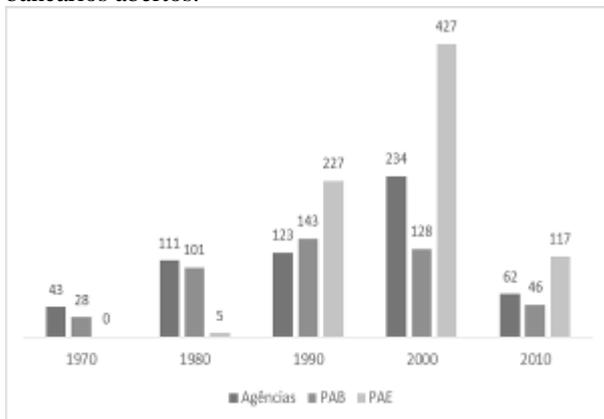
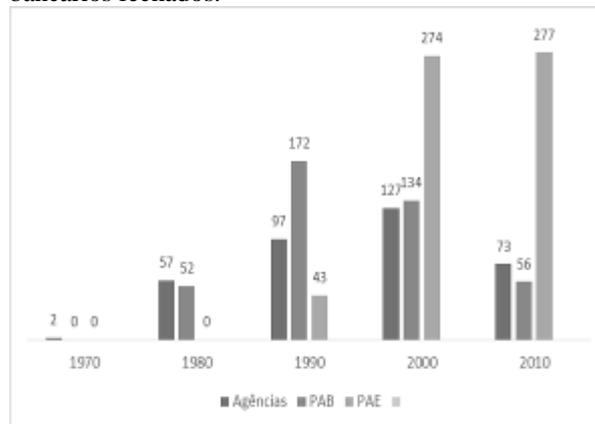


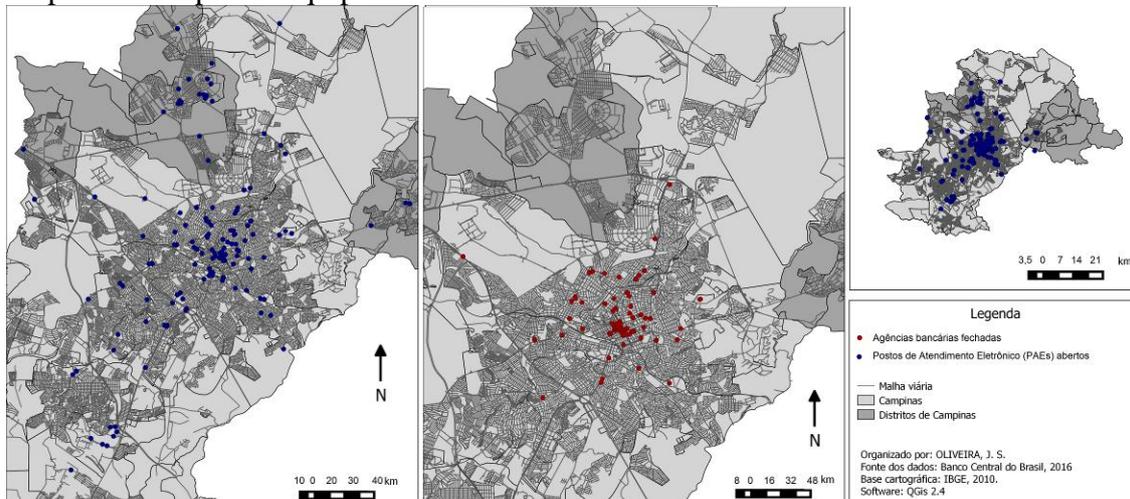
Gráfico 3 - Campinas. Número de estabelecimentos bancários fechados.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2016.  
Organização: OLIVEIRA, J. S.

Do ponto de vista espacial, é possível observar que a maior parte das agências bancárias com atividade encerrada durante a década de 1990 se concentravam na área central de Campinas e em suas imediações (Mapa 1), áreas estas que sempre dispuseram de grande contingente de bancos – historicamente ocupadas pelas populações de maior poder aquisitivo –. Já os PAEs instalados apresentaram uma lógica espacial mais dispersa, sendo instalados, majoritariamente, nas áreas centrais e imediações – reforçando a concentração bancária em Campinas – mas, também, em áreas historicamente desprovidas de serviços bancários, sobretudo no setor sul da cidade onde residem populações de menor poder aquisitivo (MESTRE, 2009). Neste sentido, a expansão dos PAEs na da década de 1990, apesar de ainda reforçarem a concentração de fixos nas áreas centrais já consolidadas, também apresentaram uma maior dispersão para setores mais distantes e historicamente desprovidos de serviços bancários, sobretudo em direção a parte sul da cidade.

Mapa 1 – Campinas. Equipamentos bancários abertos e fechados na década de 1990.



Mais recentemente, a partir de 1998, são feitos novos ajustes na rede de atendimento bancário, privilegiando estruturas de baixo custo e o atendimento remoto e eletrônico se intensificam a partir da disseminação do uso do *internet banking*<sup>5</sup> - sobretudo a partir de 2002, e do *mobile banking*<sup>6</sup>- a partir de 2008 -, ocasionando não apenas uma redução de custos de transação mas justificando o encerramento das atividades de centenas de agências bancárias por todo o país, como já anunciado pelo Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal no ano passado, redefinindo e reduzindo, assim, a função de atendimento das agências e ampliando os investimentos em canais de atendimento remoto (Gráfico 7).

Desta maneira, como poderemos observar nos gráficos 3 e 4, com o início da década de 2000, houve um crescimento extraordinário do número de contas com acesso a canais digitais de serviços bancários – internet banking e mobile banking –, bem como no número de transações efetuadas por estes canais (gráfico 5), repercutindo diretamente no direcionamento dos investimentos do setor (gráfico 6) e contribuindo para a redução da expansão de novos fixos bancários, como poderemos ver de forma mais detalhada a diante.

<sup>5</sup> Plataforma digital de relacionamento entre clientes e bancos no uso de variados serviços bancários disponibilizados por meio da internet.

<sup>6</sup> “Mobile Banking pode ser entendido como o conjunto de serviços bancários móveis, envolvendo o uso de tecnologias e dispositivos portáteis conectados a redes de telecomunicações móveis, permitindo aos usuários a realização de pagamentos móveis (mobile payments), transações bancárias e outros serviços financeiros.” [CERVEV et.al, 2009, p.9]

Gráfico 3 – Brasil. Contas com acesso a mobile banking (em milhões).

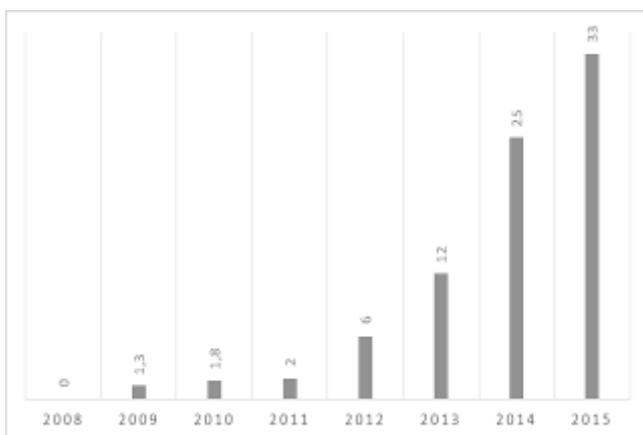


Gráfico 3 – Brasil. Contas com acesso à internet banking (em milhões).

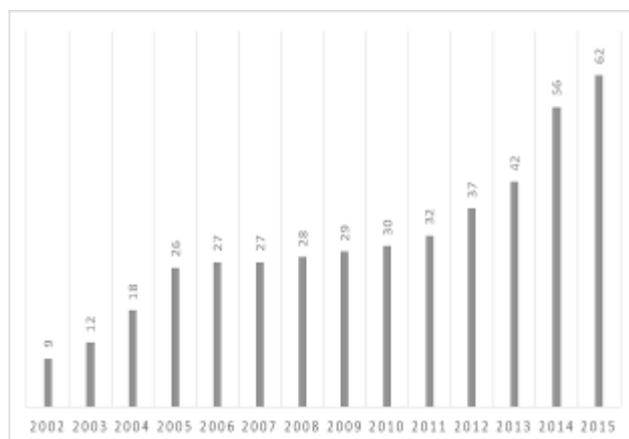


Gráfico 5 – Brasil. Participação dos diferentes canais no total de transações bancárias.

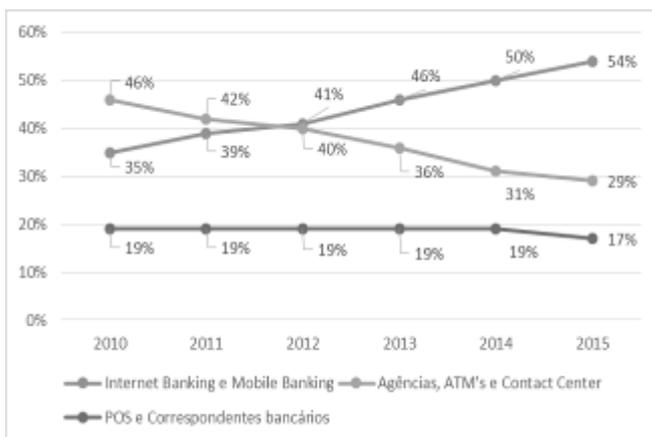
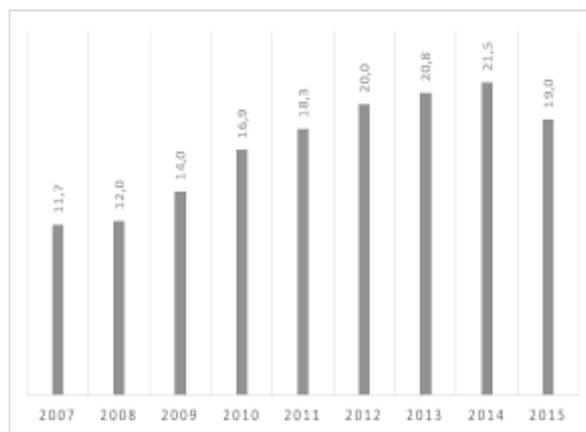


Gráfico 6 – Despesas e investimentos em tecnologia da informação por bancos no país (em milhões).



Fonte: FEBRABAN, 2015.  
Organização: OLIVEIRA, J. S.

Entretanto, de que forma estas inovações técnicas repercutem nas lógicas espaciais dos bancos no município de Campinas? As redes bancárias, no atual estágio de modernização, se distribuem de forma mais equitativa no espaço intraurbano de Campinas? Com a intenção de contribuir para a resposta à essas questões poderemos avaliar as mudanças nos ritmos de crescimento do número de fixos bancários no município de Campinas entre as décadas de 1980 a 2010 (Tabela 1), neste sentido, é possível observar, como visto anteriormente, um crescimento expressivo dos PAEs entre 1980 e 1990, em contrapartida, há um decréscimo no ritmo de abertura de novas agências e PABs no mesmo período. Mais recentemente, entre as décadas de 2000 e 2010, é notável a desaceleração no ritmo de abertura de novos equipamentos, com

destaque para o crescimento negativo dos PABs, na década de 2000, e das agências e PAEs na década de 2010. Desta maneira, identificamos uma correlação bastante relevante entre o extraordinário crescimento do número de transações por canais digitais, pelo menos nos últimos dez anos, e o decréscimo no ritmo de expansão de equipamentos e estabelecimentos bancários, afetando a expansão do número de agências, PABs e PAEs na cidade de Campinas<sup>7</sup>.

Tabela 1 – Campinas. Ritmo percentual de crescimento do número de fixos bancários.

	1980	1990	2000	2010
<b>Agências</b>	47%	19%	65%	-4%
<b>PAB</b>	163%	37%	-12%	-23%
<b>PAE</b>	500%	3680%	81%	-47%

Fonte: Banco Central do Brasil, 2016.  
Organização: OLIVEIRA, J. S.

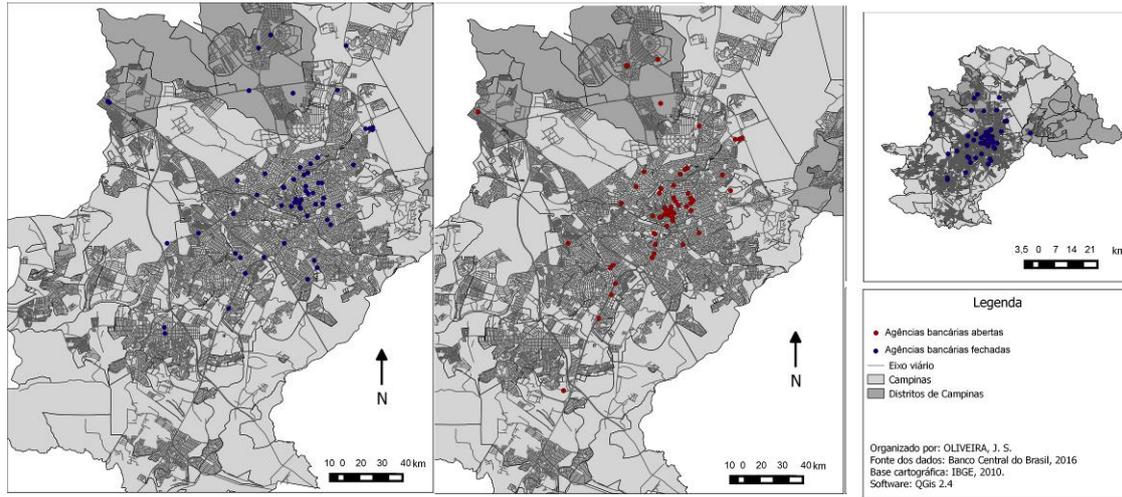
Do ponto de vista espacial, o que podemos avaliar nesta década de 2010 (Mapa 2) é que as agências bancárias abertas no período continuam a ser instaladas nas áreas que tradicionalmente concentraram estabelecimentos bancários na cidade, ou seja, o centro tradicional, suas imediações e partes do setor norte – áreas onde residem populações de maior poder aquisitivo –, por outro lado, o setor sul da cidade – onde historicamente residem populações de menor poder aquisitivo – apesar da alta densidade populacional continua a receber um número bem menos expressivo de equipamentos bancários.

Já quando observamos a localização das agências bancárias com atividade encerrada no mesmo período (Mapa 2), podemos identificar que parte expressiva dos estabelecimentos se localizava nas áreas tradicionais de concentração bancária em Campinas, já citadas acima, contudo, o setor sul, já pouco provido por esses fixos, também passa a ser afetado por esses fechamentos. Neste sentido, as lógicas espaciais do setor bancário, no atual período de progresso técnico, continuam a caracterizar-se pela distribuição desigual de equipamentos bancários na cidade de Campinas, reforçando processos de fragmentação socioespacial na medida em que a distribuição de seus equipamentos se dá de forma desigual e concentrada, sendo que esta seletividade privilegia áreas mais acessíveis às populações de maior poder aquisitivo, contribuindo para a constituição de uma segmentação do espaço balizada por interesses econômicos

<sup>7</sup> Há de se considerar ainda a presença e expansão dos correspondentes bancários (CONTEL, 2009) a partir dos anos 2000 como variável que também contribuiu para a retração do número de estabelecimentos bancários tradicionais, contudo, o número expressivo e muito superior de transações por canais digitais e os altos investimentos dos bancos neste setor demonstra que, nos últimos anos, esta é uma variável chave para a compreensão da desaceleração na instalação de novos fixos bancários.

específicos e que não respeita princípios de equidade no acesso à serviços essenciais, assim “[...] esses espaços tornam-se fragmentos da cidade, para onde apenas alguns grupos sociais se deslocam e onde há um convívio seletivo e um acesso parcial, que não representa o conjunto da cidade” (GOES e SPOSITO, 2014, p.6).

Mapa 2 – Campinas. Movimento de abertura e fechamento de agências bancárias iniciado na década de 2010.



## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso do território, no período atual, é fortemente marcado pelo comando das lógicas corporativas, sendo que o meio técnico científico-informacional constitui-se como espaço privilegiado da atuação dos atores econômicos hegemônicos. Neste contexto de *modernização capitalista* (HARVEY, 1993), o setor bancário constituiu uma trajetória de evolução técnica que possibilitou, sobretudo a partir de 1980, um conjunto de inovações que impactaram fortemente a produtividade do setor – *ATMs* e, mais recentemente, Canais digitais –, gerando possibilidades de redução de custos e ampliação dos lucros, contudo, como vimos, a incorporação dessas inovações repercute nas trajetórias de expansão dos fixos bancários, constituindo novas lógicas espaciais, cada vez mais seletivas, e novas formas de uso de serviços bancários.

No estudo de caso de Campinas, pudemos avaliar que as principais inovações no setor bancário, em sua mais recente fase de desenvolvimento técnico, demarcada a partir de 1980, repercutiram em suas escolhas espaciais, cada vez mais seletivas, e também na desaceleração dos ritmos de crescimento do número de fixos bancários instalados neste município, sobretudo a partir de 2000. Desta forma, foi possível constatar que as lógicas de instalação de fixos bancários continuam sendo comandadas por interesses estritamente econômicos gerando uma configuração espacial que reforça a segmentação



e fragmentação socioespacial, características marcantes das cidades contemporâneas, ao privilegiar a concentração de bancos em áreas mais acessíveis às populações de maior poder aquisitivo.

Em suma, apesar do extraordinário desenvolvimento técnico do setor bancário no Brasil nas últimas décadas, a estrutura espacial de seus fixos segue extremamente desigual, tanto na escala do território nacional quanto na escala das cidades, tendência que impõe uma racionalidade que caminha na contramão dos princípios de equidade e justiça social, contribuindo para a produção do espaço orientada pela valorização do capital enquanto assevera a desarticulação total do espaço das cidades do ponto de vista de seu uso coletivo.

## 6 - REFERÊNCIAS

- CANO, W. A.; BRANDÃO, C. A. **Região Metropolitana de Campinas**. Campinas: Editora Unicamp, 2002. v. 2.
- CERNEV, A.; DINIZ, E.; JAYO, M. Emergência da quinta onda de inovação bancária. *Americas Conference on Information Systems (AMCIS)*, 2009.
- CONTEL, F. B. **Território e finanças. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011. v. 1. 316p.
- CORDEIRO, H. K.. O setor financeiro e a circulação da informação no Brasil pós 70. Encontro de Geógrafos da América Latina III, 1991, México, anais.
- CORRÊA, R. L. A.. Interações Espaciais. In: Iná Elias de Castro; Paulo Cesar da Costa Gomes; Roberto Lobato Corrêa. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, v. 1, p. 279-319.
- DINIZ, E. H.. Era digital: cinco décadas de automação. *Revista GV-Executivo*, vol. 3, n. 3, agosto 2004.
- DIAS, L. C.; LENZI, M. H. ; CORIGLIANO, L. de S. T.. Reorganização espacial de redes bancárias no brasil: concentração financeira e expansão territorial. **Revista Geografica de América Central** (Online), v. 2, p. 1-15, 2012
- GOES, Eda Maria; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão . A insegurança e as novas práticas espaciais em cidades brasileiras. In: XIII Coloquio Internacional de Geocrítica, 2014, Barcelona. ActasdelColoquio Internacional de Geocrítica, 2014. v. 1. p. 1-17.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1993.
- MESTRE, A. P.. Os usos do território e as políticas urbanas: o jardim campo belo no processo de fragmentação da cidade de Campinas. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – IG, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009.



SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo – Globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. Brasil. **Território e Sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.